



ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA E SUA AUSÊNCIA DE FONTES: REALIDADES SOCIAIS E PRÁTICA DE ENSINO

Autora: Rafaela da Silva Castro Barros

Universidade Estadual da Paraíba

rafaelabarro26081996@gmail.com

INTRODUÇÃO

Educar representa muito mais do que um mero exercício de difundir informações importantes para o desenvolvimento pessoal e profissional de um indivíduo. Educar está muito além, é enfrentar especificidades por onde estão localizadas as instituições escolares. Por este motivo, travamos uma narrativa que discute além de questões que podemos encontrar em bibliografias renomadas como O Poder Simbólico de Pierre Bourdieu, passando pelas problemáticas na construção do livro didático de personalidades como Leda Virginia B. C. Potier, até as conclusões de uma pesquisa empírica em que os próprios alunos demonstram sua visão acerca do ensino de História que vem sendo disseminado na escola Municipal Antônio do Socorro Silva Machado, João Pessoa-Pb.

Analizamos no presente trabalho algumas problemáticas na prática de ensino como o distanciamento do público escolar e os conhecimentos histórico, mas e principalmente a falta de fontes para o ensino de história como a ausência do próprio livro didático. Chegamos, portanto, à informações que, de início, não estavam previstas, como, por exemplo, o grande interesse e a consciência da importância por parte dos alunos dos estudos históricos. E é a partir destas visões que partimos para a



escrita de nosso trabalho.

METODOLOGIA

Para analisar como é encarado por este público escolar acima citado, o conhecimento histórico que para os olhos de muito pode representar algo distante e até mesmo sem nenhuma serventia para as vidas daqueles que vivem em meio a uma verdadeira “Guerra” social.

Após algumas observações e a aplicação de um questionário planejado para responder os questionamentos como: O que é História para você? Você estuda história por quê? Se lhe fosse oferecido mais fontes para o ensino de história você aprenderia mais, menos, tanto faz, entre outros questionamentos, foi possível verificar alguns detalhes que sem um trabalho como este talvez somente a observação do docente não fosse possível.

Em conjunto com pesquisas bibliográficas que tratam de temas como O Ensino de História, O Livro Didático, Questões Sociais, entre outros assuntos, que foram de fundamental importância na construção destas narrativas, chegamos à análise dos resultados com um sentimento de satisfação.

Este estudo, em forma de pesquisa qualitativa descritiva, foi realizado com 120 alunos matriculados no Ensino Fundamental, na Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba.

O instrumento utilizado foi o questionário semiestruturado composto por 9 questões fechadas e 1 questão aberta.



ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como sabemos o ensino e principalmente a aquisição de conhecimento tem suas especificidades de acordo com o lugar em que este vem sendo desimado. Assim buscando verificar como é visto o ensino de história por alunos matriculados no ensino fundamental de uma escola localizada na periferia de João Pessoa-Pb.

Não são poucas as discursões que tratam do ensino de história acerca das problemáticas de fazer com que o publico escolar perceba a história em uma rede maior de conhecimento do que a tradicional e errônea visão que a história é meramente aquele conhecimento que tratam do passado que permanece a ser preservados em livros e museus. A inegável necessidade de quebrar com esta visão que ainda permanece preservada na mente das crianças e adolescentes pode representar uma das chaves para fazer com que os alunos venham a se interessa mais pelos estudos históricos, percebendo que a história também está em suas vidas através das ruas em que residem, da data em que nasceram, mas também das permanências que sobrevivem ao tempo, que ligeiramente passa.

Entretanto, apesar desta busca daqueles que além de reconhecerem importância do conhecimento histórico tem esperanças em suas profissões de docentes como modificadoras sociais, essa nova visão pretendida pelos historiadores atuais ainda não chegou à escola Antônio do Socorro Silva Machado que foi alvo de nossa pesquisa. Ao serem questionados o que a “História ” representavam para ele, os alunos de sexto a nono ano do ensino fundamental da escola acima citada, localizado no Bairro Paratibe, João Pessoa-Pb, responderam em sua maioria que a história representava para eles “O Passado”.

Dos cento e vinte alunos participantes da pesquisa, oitenta e dois responderam



que o conhecimento histórico representava o passado para eles. Esse dado nos traz a possibilidade de refletir e perceber a necessidade de se perguntar até que ponto estes alunos estão sendo levado a refletir acerca da complexidade da história e sobre os diversos campos que podem ser explorado a partir do conhecimento de nossa história.

Apesar deste fato e das condições sociais em que se encontram este publico escolar não podemos negar a comprovação da consciência da importância desta disciplina para a vida destes, já que do total dos alunos questionados 99 responderam estudar história por ser um assunto importante. Portanto tendo em vista que estes indivíduos não souberam responder o ‘porquê’ não gostariam de história, podemos afirmar que estando na faixa etária de dez a dezessete anos, estes não negam ser a história um conhecimento importante para eles, mesmo que essa não seja uma resposta de inicio esperada. Já que o ensino desta disciplina na citada instituição se dá sem o uso de livros didáticos que podem ser levados pelos alunos para suas casas, entre outras fontes que poderiam contribuir para despertar um interesse destes por esse conhecimento.

Podemos comprovar que o problema da falta de fontes atinge o aprendizado da maioria destes alunos tendo em vistas que ao serem indagados se com o uso de livros, revistas e filmes para estudar, eles aprenderiam mais 85% destes responderam que aprenderiam mais se lhes fossem disponibilizadas mais fontes. Assim, podemos perceber que este é um problema perceptível também pelos estudantes.

Não podemos negar que mesmo diante das dificuldades enfrentadas por essa educação, falem interesses das crianças e adolescentes. Afinal, questionados se fosse promovida uma semana de história na escola em que estes estão matriculadas, eles participariam ou não deste evento. Dos 120 alunos questionados, 98 deles responderam que iriam participar se lhes fosse promovido este evento. Portanto mesmo tendo



havido alguns alunos que responderam que não iriam participar por falta de tempo, resposta que já nos era esperado já que sabemos que muitos dos alunos trabalham ou no caso das meninas se dedica a cuidar dos seus inúmeros irmãos, a grande maioria mostrou um interesse por um evento como esse que se dedicaria a temas históricos, que muitas vezes é encarado como algo chato e distante de suas realidades.

A aquisição do conhecimento histórico pelos discentes:

A questão da educação brasileira assim como sua democracia política, sempre foi vista como um grande problema nacional. Inicialmente institucionalizada com o objetivo de construir uma nacionalidade a partir do ensino de história e da fundação do colégio D. Pedro II em 1937, esta vai passar por inúmeras mudanças ao longo dos últimos anos¹, que não podemos considerar bem sucedidas, já que chegamos atualmente diante de uma realidade educacional desfavorável para a população, partindo destas transformações.

Atualmente muito se discute a questão do ensino/aprendizagem do conhecimento histórico entre os acadêmicos, discussões estas que muitas vezes não saem deste ambiente. Sempre é tocada a questão acerca das contribuições de fazer com que os alunos, a quem será direcionada as aulas de história, sentam-se sujeitos históricos, e assim aparte deste pressuposto o ensino de história tornar-se-ia prazeroso, tanto para o locutor quanto para os interlocutores.

Outro tema que dificilmente ficaria a parte das pautas de discussões em evento que se proponha a discutir as questões da educação no Brasil é o tão utilizado livro didático. Instrumento este que pode ser considerado essencial para nortear os cursos de história, como também podem representar verdadeiras amarras para os profissionais da educação.

¹ Estas informações podem ser verificadas nos Parâmetros curriculares nacionais;



“ O livro didático de história (a redundância é necessária) está no plano das ideias, está na cabeça do professor e não pode ser extensível a uma comunidade. O livro ideal (útil para todos) é uma utopia. Sempre haverá divergência sobre formatos, projetos pedagógicos, correntes historiográficas, personagens, fatos e abordagens. (Freitas, 2007, Pg.55)”

Esses são questionamentos comuns neste campo de estudo, entretanto os problemas educacionais brasileiros, quando visto em suas especificidades, podem ir muito além de meras problemáticas com os conteúdos propostos e apresentados nos livros didáticos, mesmo diante das intensas brigas das editoras. Quando me refiro as “especificidades”, não estou querendo discutir a grande diferenciação entre as escolas rurais e urbanas, mas as diferenciações dentro o próprio seio urbano, quando observamos escolas que estão inseridas em localidade que podem ser até mesmo difícil denominar “urbanizada”.

Portanto quando Pierre Bourdieu vem discutir acerca dos Capitais Simbólicos como o Capital Cultural, estamos diante de realidade como a encontrada na Escola Municipal Antônio do Socorro da Silva Machado localizada em uma periferia da cidade de João Pessoa-Pb. Tendo em vista as teorias defendidas por Bourdieu nas quais ele afirma que os indivíduos encontrados na escola, frutos de classes sociais inferiores, são submetidos a desafios ainda maiores do aquele que veem na cultura descaminada na escola uma extensão dos seus lares, percebemos que está pode ser uma das características da educação na escola aqui analisada. Assim, os indivíduos subalternos², além de estarem naquela instituição de ensino para adquirir conhecimentos científicos, terão ainda que se adaptar a uma cultura que lhes é estranha, a “cultura da escola”. Estando assim, portanto atrás daqueles que vem a escola como extensão de seus lares.

Portanto, assim como foi citado acima, em escolas públicas da região de periferia da cidade de João Pessoa, como as que se encontram nos bairros de Paratibe e

² Classes Subalternas: Expressão de que Gramsci se vale, a maior parte das vezes, para designar as classes sociais que são objeto da dominação econômica, política e ideológica: o proletariado, os trabalhadores rurais, o campesinato pobre etc. (Mochcovitch, 1992, pg.67)



Valentina, o que em sua maioria ocorrem são jovens enfrentam não somente os problemas sociais em que estão efetivamente inseridos, como o tráfico de drogas e consequentemente a constante violência. Mas ao chegarem às suas escolas, sem deixar de lembrar que esta já pode ser considerada uma grande conquista, tendo em vista os constantes perigos enfrentados no percurso escolar, ao chegarem a suas instituições de ensino ainda tem que se deparar com conteúdos que pouco ou nada tem haver com o cotidiano vivido por eles.

Assim como fazer para despertar uma consciência crítica em indivíduos que para sua própria sobrevivência tem que fazer uso da lei do silêncio constantemente. Ou ainda quando esses alunos ao estiverem em suas salas de aulas não podem esquecer que muitos dos seus pais se encontram nas penitenciárias, em que suas mães são obrigadas a trabalharem arduamente para sustenta-los. Não podem esquecer ainda dos inúmeros assassinatos presenciados desde cedo, até mesmo antes da escola. Esta vai ser uma das principais características do cenário analisado na pesquisa de campo discutida mais a frente.

Os recursos didáticos no ensino de história:

Como foi citado acima, o livro didático esteve ganhando grande destaque em muitas discussões acadêmicas. Critica-se esta ferramenta pedagógica alegando que para o caso da história, por exemplo, em seus conteúdos ainda é muito marcante a presença de uma história que busca enaltecer os feitos daqueles indivíduos que ficaram conhecidos como Os Grandes Homens ou como é conhecida a História Positivista.

Além desta problemática na construção destas obras, ainda podemos perceber, por parte de alguns professores que parecem ter perdido o compromisso com sua profissão, certa “acomodação” por meio do uso destas produções, deixando de buscar



novas fontes que poderia contribuir de forma determinante na construção de suas aulas. Detendo-se somente a reproduzir aquilo que lhes é apresentado no livro didático, não sendo este instrumento, que deveria contribuir para a construção das aulas, o único responsável pela falta de fontes diversificadas durante as aulas de história.

Apesar destas questões, não podemos deixar de destacar que muitas vezes a ausência do livro didático, personagem tão marcante na educação brasileira, pode significar a perda de um norteador não somente para o professor, já que estes profissionais em sua maioria tem mais oportunidade de acesso a outras fontes, mas também e principalmente para os alunos, que possuem somente aquele material como fonte de estudo não tendo contato com outros meios difusores de conhecimentos que possam contribuir para o seu desenvolvimento escolar.

“Mas afinal, partindo das perspectivas acima demonstradas, o que se espera de um livro didático de história? Sabemos que esse material é, muitas vezes, uma das únicas fontes as quais os alunos terão acesso, tornando-se assim uma ferramenta importante para o desenvolvimento de uma consciência histórica nos alunos.”(Potier, Pg.6)

As questões do capital cultural vão ser discutidas por Bourdieu em sua obra *O Poder Simbólico*. Bourdieu nos traz afirmativas acerca das dificuldades enfrentadas pelos os indivíduos que advém de realidades sociais desfavoráveis, para se adaptar a escola que prega a cultura de uma social classe dominante. Essa “nova cultura” para os alunos de classes sociais inferiores disseminada na escola, e que os alunos são destinados a se adaptarem, só vai ser vista por eles dentro dos muros escolares. Assim os conhecimentos que eles têm contatos no processo de educação são colocados por eles em um mundo distante e, portanto aumenta as dificuldades de aprendizagem para esses indivíduos que não possuem nenhum outro meio que possa contribuir para o contato



com o conhecimento escolar, seja nos lugares de lazer ou ainda entre seus familiares.

Diante destas características um tanto quanto negativas, para o ensino de história, que como sabemos está baseado principalmente na prática da leitura, não lhes é oferecido nem ao menos um livro didático por mais retrógrado que este possa ser com todas as variedades de visões mais tradicionais possíveis. Assim além de o professor ser desafiado a ministrar aulas que possa despertar neste público escolar um interesse por um conhecimento que eles não podem se veem representados, ainda se deparam com a total ausência de material com o qual se poderia desenvolver algum tipo de trabalho pedagógico proveitoso para o conhecimento histórico.

Portanto diante de problemas como esses, devemos questionar como é possível se aprender história onde o professor não encontra serias dificuldade para a realização de seu trabalho por se sente engessado em um currículo tradicional, ou por está fazendo uso de livros com ideais extremamente tradicionais, mas em que não se tem um acesso mínimo de leitura por parte dos alunos, nem na escola, nem em casa já que o acesso à internet não está para a maioria deste público escolar.

Sem livros, tendo em vista que até mesmo da própria biblioteca não é permitido o empréstimos de livros aos alunos, alegando que estes danificam as obras, sem internet e diante desta realidade social, que tipo de historia está se ensinado para essas crianças, adolescentes, e jovens, lembrando que a educação na idade certa também passa a ser um fator raro, assim como a paz na comunidade. Que tipo de cidadão é possível educar com essas ferramentas?

“ Cidadania: é a condição de cidadão, que se expressa num conjunto de direitos e deveres perante o estado. Na ordem democrática, todos os indivíduos nascidos em um país são, formalmente pelo menos, cidadãos, portadores de direitos políticos e, nas democracias mais avançadas, de direitos sociais (Mochcovitch, 1992,



Pg.66)''

Sendo a história uma das principais disciplinas responsáveis por conscientiza os alunos acerca de seus direitos, deveres e do seu papel social a partir da luz de sua história, partimos para analisar sob a visão “destes” como está sendo visto o conhecimento histórico disseminado diante destas problemáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo um percurso de pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo, análises e discussões, chegamos neste momento a algumas conclusões iniciais que de inicio não havia sido imaginadas. Concluimos, no presente instante, que apesar de ser comum em ambientes em que as condições de ensinos parecem representar um desafio grande e ardor a ser travado, não podemos negar ainda a sobrevivência, por parte daqueles que muitas vezes lhes são condicionada a culpa pelo fracasso da educação, certo interesse e consciência da importância da educação que lhe são fornecida, mesmo que está esteja repleta de inúmeras falhas como a ausência, por exemplo, até mesmo de fontes impressas essenciais como o livro didático.

Portanto, apesar de estarem inseridos em condições sociais um tanto quando desfavoráveis para o desenvolvimento intelectual, muitas vezes o que lhes faltam é alguém que acreditem que eles podem, fazendo com que eles também acreditem. E assim lutem para serem percebidos e valorizados por aqueles que parecem não enxerga-los como “cidadãos ” em sua plenitude.

REFERENCIAS

Potier, Leda Verginia B. C. O livro Didático de História: Algumas reflexões sobre seus usos, finalidades, indicações e sua relação com a consciência histórica. Rio



Grande do Norte.

Mochcovitch, Luna Galano. Gramsci e a Escola. São Paulo, 1992, Editora ártica.

Freitas, Itamar. Et. Al. Op. Cit. P.55.

Bourdieu, Pierre. O Poder Simbolico. Rio de Janeiro, 1989.